

Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

Visitantes ilustres deixam sua marca

O conhecimento não tem fronteiras, e uma universidade, casa do saber que progride e se expande, rompe limites para muito além de sua localização geográfica. Na busca constante por projeção e visibilidade internacional são estabelecidas parcerias estratégicas e trocas de experiências, que impulsionam o crescimento de todos os envolvidos.

Foi com esse olhar que recebemos em abril dois ilustres convidados: o físico Albert Fert, vencedor do prêmio Nobel de Física em 2007, e o escritor John Maxwwell Coetzee, agraciado com o Nobel de Literatura em 2003. Personalidades de áreas acadêmicas diferenciadas, eles promoveram na UFRGS importantes debates, nos quais alunos, pesquisadores e a comunidade em geral tiveram a oportunidade de participar e de conhecer ideias que muito contribuíram para

o avanço da compreensão do mundo.

Fert recebeu o título de Doutor Honoris Causa da UFRGS em homenagem ao relacionamento de mais de trinta anos que mantém com nossos pesquisadores do Instituto Física a partir de seu laboratório no Sul da França. Entre suas descobertas, destaca-se o efeito de “Magnetoresistência Gigante”, que ampliou a capacidade de discos rígidos e de dispositivos de memória utilizados em inúmeros equipamentos. Sua fala foi marcada pelo brilhantismo intelectual aliado à generosidade e ao reconhecimento da cooperação institucional.

Por sua vez, o novelista, ensaísta, linguista e tradutor Coetzee, um dos mais celebrados escritores de língua inglesa da atualidade, encantou o público do Salão de Atos em conferência intitulada *Ficção e Censura*. O Nobel sul-africano falou sobre a experiência

de ter vivenciado o *apartheid*, regime de segregação racial que teve no escritor um opositor.

Receber personalidades de tamanha envergadura faz com que a Universidade promova discussões ideologicamente plurais e democráticas, que só reafirmam o seu compromisso com a sociedade brasileira. Os dois convidados também assinaram nosso “Livro de Ouro”, ritual de forte significado. Nesse livro são registrados, de forma indelével, testemunhos de pessoas cujas ideias contribuíram para a construção de novas realidades: acadêmicos destacados, chefes de estado, ministros e lideranças políticas, e também prêmios Nobel. São ricos fragmentos da história integrados à memória desta instituição que, cada vez mais, ocupa lugar de destaque nos debates que fazem avançar a ciência e a cultura.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha,
Porto Alegre - RS | CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Ricardo Schneiders da Silva

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação mensal da Secretaria de
Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497
Email: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembecker Rosing, Cesar Zen
Vasconcellos, Daltro José Nunes, Edison Luiz
Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello,
Marta Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Lucca
Kruze, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera

Editora Ánia Chala
Subeditora Jacira Cabral da Silveira
Repórteres Ánia Chala, Everton Cardoso,
Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein
Projeto gráfico Juliano Bruni Pereira e
Kleiton Semensatto da Costa (Caderno JU)
Diagramação Kleiton Semensatto da Costa
Fotografia Flávio Dutra (editor),
Cadinho Andrade e Thiago Cruz
Revisão Antônio Falcetta
Bolsistas Gustavo Duarte Fagundes,
Júlia Corrêa, Manuela Martins Ramos e
Rafaela Pechansky
Circulação Márcia Fumagalli
Fotolitos e impressão Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

f /jornaldauniversidade
@jornalufrgs

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

Prata da casa

Ao ler o Caderno JU intitulado “Caminhos da invenção”, percebi o quanto a UFRGS não conhece a própria UFRGS. Nos meus 40 anos dentro desta Universidade, por diversas vezes propus inovações no sistema. Fiz equipamentos para a pesquisa em Física e propus que fossem considerados, mas não o eram devido a uma mentalidade que nega uma ideia por esta não ter sido pensada por um doutor. Mas a usam. Se tivessem feito essas reportagens no Instituto de Física, com os trabalhos que lá são desenvolvidos por técnicos de nível médio com alta qualificação de conhecimento tecnológico, tenho certeza que seria um bom exemplo de «fruto» colhido em «casa». Sobre as patentes, já havia oferecido ao IF e à Universidade esse conhecimento adquirido nos anos 1970, porém não fui considerado. Hoje, depois de 30 anos, finalmente temos um departamento de patentes nessa academia, mas quantas vezes os usuários me pediram para examinar os relatórios mal redigidos. Desde 1980, tenho um projeto de mapeamento da UFRGS, o qual diz quem é quem para que haja uma ação interdisciplinar de verdade. Lastimo que as coisas levem tanto tempo para serem reconhecidas, o que acaba reduzindo o ritmo do desenvolvimento tecnológico e humano. Que o diga esse grande criador de tecnologia, o senhor Coester, um dos meus «gurus» nessa área do conhecimento.

► **Eri Tonietti Bellanca, técnico do Instituto de Física**

Memória da UFRGS

LUME/UFRGS



Década de 1920

Vista da fachada do Instituto de Química Industrial da Escola de Engenharia, inaugurado em 1926 pelo presidente Washington Luís. O prédio, inicialmente quadrado, foi ampliado entre 1944/1946, tornando-se retangular. Atualmente sedia diferentes setores administrativos da UFRGS, como a Prefeitura Universitária do Câmpus Centro.

Artigo

Coetzee: uma palestra, um lançamento e revelações surpreendentes

A visita do Prêmio Nobel J. M. Coetzee à UFRGS e ao Festival *Litercultura* de Curitiba foi a oportunidade de ouvir o autor falar de “Ficção e Censura” – mais precisamente, do trabalho dos censores que examinaram três de suas obras: *No coração do país*, *À espera dos bárbaros* e *Vida e época de Michael K*. Mas, ao contrário do que se esperava, esses livros engajados, que falam alto do repúdio à repressão policial do apartheid, não foram recriminados pelos censores. Não somente passaram no exame e foram liberados para o público, como receberam atenções muito sutis dos censores, que defenderam suas qualidades, apresentando-as como inofensivas ao sistema. O argumento unânime de três dos censores foi de que essas obras seriam lidas apenas por um pequeno público sofisticado e intelectual. Além de oferecer essa olhada nos labirintos do aparelho de repressão, Coetzee também concedeu ao público um privilégio raro: autógrafos generosos e revelações sobre o mais recente livro, *A infância de Jesus*, lançado nos dois eventos. O autor disse como imaginara a capa e a folha de rosto dessa obra: “Tive esperança de que meu novo livro sairia com uma capa vazia e com uma página de título vazia, de forma que o leitor descobrisse o título somente depois de ter lido a última página: *A infância de Jesus*. Mas na indústria editorial, tal

como ela é hoje, isso não é permitido”.

Um dos capítulos desse livro nos introduz nos esforços educativos de Simon, homem que cuida de um menino de cinco anos, David, e de sua mãe, Inês. Simon procura motivar o filho a aprender a ler. Ele pega emprestado da biblioteca o *Dom Quixote*, e David folheia o volume deitado na cama. O menino olha as imagens e imagina as cenas por conta própria – ele diz que quer ler a história *do seu jeito*, seguindo a própria imaginação. Quanto às palavras, a primeira que chama a sua atenção é “fantástico” – adjetivo que anuncia a obstinação fantasiosa do pequeno “leitor”, que se contenta em adivinhar ao acaso qual palavra seria o nome Dom Quixote, qual letra seria o Q, resistindo de todo modo às exortações paternas para aprender o alfabeto a fim de poder realmente ler. A mãe, Inês, apoia as ideias fantasiosas do menino e reforça a sua resistência ao aprendizado sistemático e aos estímulos que possam tirá-lo de seu raio de influência.

Assim, a obstinação infantil cresce e enreda Simon em fantasias, perguntas e argumentos que iluminam de modo magnífico alguns dos princípios mais sagrados da poesia e da imaginação – expondo também ideias contemporâneas sobre educação e certas convicções a respeito da criatividade infantil. No seguinte link, a leitura do capítulo

em questão, realizada na Universidade da Cidade do Cabo, em 2012: https://www.youtube.com/watch?v=yXufoko-HgM&playnext=1&list=PLLP4CRKXPbbEGg8n9XSB0eW1wGKXUbWSy&feature=results_main

Antes de seu lançamento mundial, *A Infância de Jesus* fez notícias e suspense: parecia estar esgotado antes do lançamento. O romance, cuja publicação quase coincidiu com *A vida de Jesus*, do Papa, logo suscitou dúvidas e espantos entre os críticos. Como entender a história dessa família que entra em conflito com o estado devido à alteridade angelical extrema do filho e de sua mãe virgem? Por que o menino não se enquadra na ordem do estado utópico de Novilla, utopia de um comunismo ou socialismo no sentido originário? Seria essa narrativa uma alegoria? Quem responder “sim” logo terá de perguntar novamente: uma alegoria a quê? Tudo dependerá da leitura de cada um, das associações e ideias que o leitor introduzirá nesse texto labiríntico, cheio de armadilhas e tramas enganosas.

Podemos também pensar que *A Infância de Jesus* é a alegoria à “catequese” universal que o pensamento abstrato introduziu nas nossas cabeças. Eis a ideia que aflorou nas resenhas de alguns dos leitores que tiveram a sorte de ler o volume, lançado em inglês em março de 2013. Por mais remota

que seja a relação entre o enredo de Coetzee e as “vidas de Jesus” que conhecemos, algumas pistas se impõem ao leitor minimamente informado. Sabemos, por exemplo, que o cristianismo primitivo, a boa nova do amor universal, prático e ativo, foi a utopia que sempre irrompeu no aparato dogmático da cultura Ocidental. Mas desde as *Vidas de Jesus*, de David Friedrich Strauss, o *Apocalypse*, de D. H. Lawrence, e *A Vida de Jesus*, de Ernest Renan, os esforços mostraram as suas limitações. No século XX, a promessa utópica comunista não vingou, e quem topa com as alusões (muito veladas) ao socialismo no romance de Coetzee não pode evitar de pensar quantas esperanças pseudocristãs (do socialismo e do marxismo) se esgotaram. O que impera nessa nova história de Coetzee é um clima sufocante de aridez e monotonia, algo intangível que seca nossos sentimentos vivos e desvia qualquer esforço de criatividade para círculos viciosos de repetição compulsiva.

Mas isso é apenas uma entre inúmeras pistas que podem surgir na cabeça do leitor deste intrigante romance.

Kathrin H. Rosenfield
Professora do Departamento de
Filosofia do IFCH-UFRGS